



Cenário Econômico

Confira os principais acontecimentos que marcaram o mês de novembro e influenciaram o desempenho dos investimentos e da economia no Brasil e no mundo.



INTERNACIONAL

Novembro foi marcado por uma recuperação generalizada nas principais classes de ativos globais.

No cenário externo, mesmo com o avanço das ondas secundárias de Covid-19, a expectativa quanto ao início da distribuição de vacinas ajudou a sustentar os principais ativos de risco. Além disso, o resultado das eleições presidenciais americanas sugere um alívio nas tensões comerciais que marcaram o governo Trump, o que pode ser favorável ao comércio global em 2021. Outro fator que tem trazido otimismo é a expectativa de que as autoridades mundiais sigam com políticas fiscais estimulativas no médio prazo.

NACIONAL

No cenário local, a recuperação vista em novembro está em boa parte condicionada à continuidade do bom humor internacional e, no âmbito político, ao andamento positivo da questão fiscal. Nesse cenário positivo, o Ibovespa encerrou o mês com forte alta de 15,90%, o IMA-B (títulos públicos atrelados à inflação) subiu 2,00% e o dólar teve queda de 7,63% contra o real, voltando para o nível de R\$ 5,30 – R\$ 5,35. O IHFA, índice de Multimercados da Anbima, subiu 2,99% no período.

Relatório de Alocação dos Perfis de Investimento

A Fundação Itaúsa Industrial respeita uma série de regras regulamentares. Deste modo, toda movimentação de ativos realizada está em consonância com as diretrizes da Política de Investimento do Plano PAI-CD, que é revisada anualmente com base em fundamentos técnicos e análises de mercado, e aprovada pelo Conselho Deliberativo da entidade.





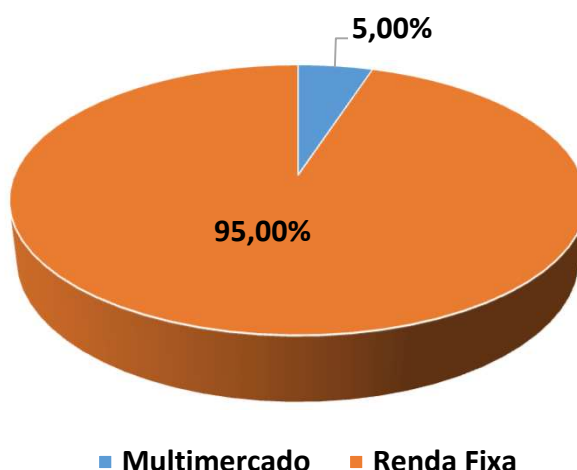
PERFIL CONSERVADOR

Rentabilidade:

A rentabilidade nominal do perfil Conservador no mês de novembro foi de 0,26% contra um benchmark de 0,19%. O benchmark é uma referência de mercado para que o investidor possa acompanhar o desempenho do seu investimento.

Alocação alvo prevista na Política de Investimentos

Perfil Conservador



Realocações realizadas

Renda Fixa:

Juros Nominais: O apetite por ativos de risco retornou em novembro, apesar do crescimento dos casos de Coronavírus, da introdução de novas restrições à movimentação urbana em países desenvolvidos e dos impactos negativos dessas medidas aos dados da atividade econômica na Europa e nos Estados Unidos. Ainda assim, os investidores permaneceram otimistas, com base na probabilidade de distribuição em massa de uma vacina eficaz.

O mercado brasileiro beneficiou-se do bom humor global. As principais moedas de países emergentes apresentaram valorização contra o dólar no período, inclusive, o real.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros nominais e reais recuaram. Contudo, as curvas de juros inclinaram-se a partir do pior desempenho relativo dos vértices mais longos, ainda sob a influência negativa do cenário fiscal incerto no longo prazo. Atuamos com viés tomado no pré, considerando a possibilidade de o Copom assumir um tom mais conservador na sinalização dos seus próximos passos com a política monetária e terminamos o mês praticamente zerados, acompanhando o fluxo de notícias menos preocupantes sobre os rumos das contas públicas no curto prazo.

Juros Reais e Inflação: Com o objetivo de capturar ganhos no cenário de IPCA pressionado, mantivemos a compra da NTN-B 2021/25/50.

Moedas e Juros Internacionais: Com a melhora na perspectiva de ingresso de recursos estrangeiros no país e sinais menos preocupantes com a política fiscal interna no curto prazo, passamos de vendidos para comprados no real contra o dólar no decorrer do mês. Com o maior apetite por risco em âmbito global, passamos a atuar tomados em juros americanos de 10 anos.

Estruturado: Mantivemos a alocação para ficar no ponto neutro (5%) da Política de Investimento. A indústria de multimercados teve uma recuperação generalizada no mês de novembro, com retornos expressivos para os diferentes tipos de estratégias. O posicionamento dos gestores em classes de ativos “pró-risco”, como posições compradas em ações locais e internacionais, por exemplo, foram os principais fatores que impulsionaram positivamente a rentabilidade da classe. Ao longo dos últimos meses, as eleições nos EUA foram apontadas pelos gestores como um fator relevante de imprevisibilidade de cenário macroeconômico e aumento de volatilidade nos mercados.

Acreditamos que o investimento no segmento é bastante positivo, pois os gestores trabalham com mais agilidade e buscam aproveitar as melhores oportunidades analisando um horizonte de curto prazo para conseguir se apropriar dos prêmios que existem nos ativos. A posição tem um efeito de diversificação para o perfil.





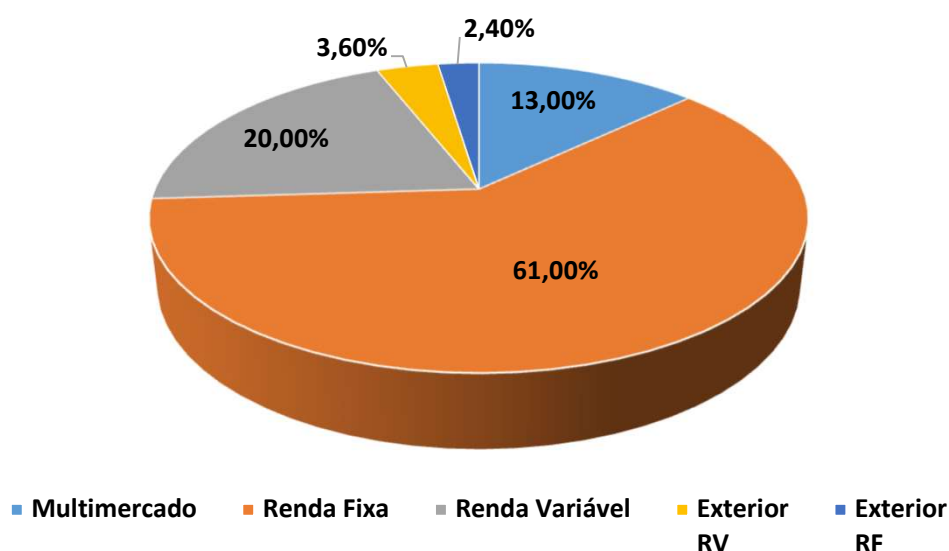
PERFIL MODERADO

Rentabilidade:

A rentabilidade nominal do perfil Moderado no mês de novembro foi de 2,94% contra um benchmark de 3,24%. O benchmark é uma referência de mercado para que o investidor possa acompanhar o desempenho do seu investimento.

Alocação alvo prevista na Política de Investimentos

Perfil Moderado



Realocações realizadas

Renda Fixa:

Juros Nominais: O apetite por ativos de risco retornou em novembro, apesar do crescimento dos casos de Coronavírus, da introdução de novas restrições à movimentação urbana em países desenvolvidos e dos impactos negativos dessas medidas aos dados da atividade econômica na Europa e nos Estados Unidos. Ainda assim, os investidores permaneceram otimistas, com base na probabilidade de distribuição em massa de uma vacina eficaz.

O mercado brasileiro beneficiou-se do bom humor global. As principais moedas de países emergentes apresentaram valorização contra o dólar no período, inclusive, o real.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros nominais e reais recuaram. Contudo, as curvas de juros inclinaram-se a partir do pior desempenho relativo dos vértices mais longos, ainda sob a influência negativa do cenário fiscal incerto no longo prazo. Atuamos com viés tomado no pré, considerando a possibilidade de o Copom assumir um tom mais conservador na sinalização dos seus próximos passos com a política monetária e terminamos o mês praticamente zerados, acompanhando o fluxo de notícias menos preocupantes sobre os rumos das contas públicas no curto prazo.

Juros Reais e Inflação: Com o objetivo de capturar ganhos no cenário de IPCA pressionado, mantivemos a compra da NTN-B 2021/25/50.

Moedas e Juros Internacionais: Com a melhora na perspectiva de ingresso de recursos estrangeiros no país e sinais menos preocupantes com a política fiscal interna no curto prazo, passamos de vendidos para comprados no real contra o dólar no decorrer do mês. Com o maior apetite por risco em âmbito global, passamos a atuar tomados em juros americanos de 10 anos.

Estruturado: Mantivemos a alocação para ficar no ponto neutro (13%) da Política de Investimento. A indústria de multimercados teve uma recuperação generalizada no mês de novembro, com retornos expressivos para os diferentes tipos de estratégias. O posicionamento dos gestores em classes de ativos “pró-risco”, como posições compradas em ações locais e internacionais, por exemplo, foram os principais fatores que impulsionaram positivamente a rentabilidade da classe. Ao longo dos últimos meses, as eleições nos EUA foram apontadas pelos gestores como um fator relevante de imprevisibilidade de cenário macroeconômico e aumento de volatilidade nos mercados.

Acreditamos que o investimento no segmento é bastante positivo, pois os gestores trabalham com mais agilidade e buscam aproveitar as melhores oportunidades analisando um horizonte de curto prazo para conseguir se apropriar dos prêmios que existem nos ativos. A posição tem um efeito de diversificação para o perfil.

Renda Variável: Na parcela de Bolsa local ficamos próximo do ponto neutro (20%) da Política de Investimentos. O Ibovespa seguiu o otimismo externo generalizado e subiu forte, após 3 meses seguidos de queda, atingindo patamar próximo aos 110 mil pontos. A alta de 15,90% foi o maior retorno mensal desde março de 2016. Em dólar, a alta do Ibovespa de 25,47%, também o maior de 2016. Vale destacar a entrada recorde de capital estrangeiro na bolsa, atingindo R\$ 33,3 bilhões líquidos em novembro.

Os fundos de ações, na média, tiveram ótimos retornos, mas abaixo do Ibovespa no mês. Porém, em mais janelas longas, a geração de alpha (retornos acima do índice) continua expressiva.

Os gestores estão, no geral, mais otimistas devido à redução das incertezas, com as vacinas se mostrando promissoras e a eleição dos EUA tendo ficado para trás. A questão fiscal local ainda é um risco monitorado, mas com menos peso para gestores.

Na parcela da Bolsa no exterior, seguimos com alocação no ponto neutro (3,60%) da Política de Investimento. O otimismo que predominou nos mercados globais ao longo de novembro levou as principais bolsas do mundo a fecharem o mês com fortes altas. As commodities, como petróleo e minério de ferro, também subiram e ativos considerados como mais seguros em tempos de crise, como o ouro e o dólar, fecharam o mês em queda. O mercado de renda fixa internacional também se beneficiou desse otimismo.





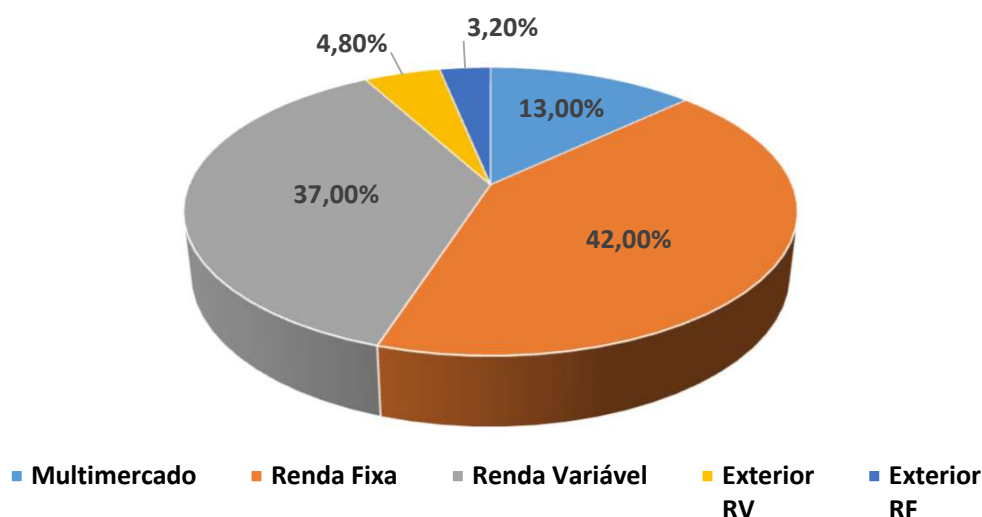
PERFIL AGRESSIVO

Rentabilidade:

A rentabilidade nominal do perfil Agressivo no mês de novembro foi de -4,89% contra um benchmark de 5,87%. O benchmark é uma referência de mercado para que o investidor possa acompanhar o desempenho do seu investimento.

Alocação alvo prevista na Política de Investimentos

Perfil Agressivo



Realocações realizadas

Renda Fixa:

Juros Nominais: O apetite por ativos de risco retornou em novembro, apesar do crescimento dos casos de Coronavírus, da introdução de novas restrições à movimentação urbana em países desenvolvidos e dos impactos negativos dessas medidas aos dados da atividade econômica na Europa e nos Estados Unidos. Ainda assim, os investidores permaneceram otimistas, com base na probabilidade de distribuição em massa de uma vacina eficaz.

O mercado brasileiro beneficiou-se do bom humor global. As principais moedas de países emergentes apresentaram valorização contra o dólar no período, inclusive, o real.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros nominais e reais recuaram. Contudo, as curvas de juros inclinaram-se a partir do pior desempenho relativo dos vértices mais longos, ainda sob a influência negativa do cenário fiscal incerto no longo prazo. Atuamos com viés tomado no pré, considerando a possibilidade de o Copom assumir um tom mais conservador na sinalização dos seus próximos passos com a política monetária e terminamos o mês praticamente zerados, acompanhando o fluxo de notícias menos preocupantes sobre os rumos das contas públicas no curto prazo.

Juros Reais e Inflação: Com o objetivo de capturar ganhos no cenário de IPCA pressionado, mantivemos a compra da NTN-B 2021/25/50.

Moedas e Juros Internacionais: Com a melhora na perspectiva de ingresso de recursos estrangeiros no país e sinais menos preocupantes com a política fiscal interna no curto prazo, passamos de vendidos para comprados no real contra o dólar no decorrer do mês. Com o maior apetite por risco em âmbito global, passamos a atuar tomados em juros americanos de 10 anos.

Estruturado: Mantivemos a alocação para ficar no ponto neutro (13%) da Política de Investimento. A indústria de multimercados teve uma recuperação generalizada no mês de novembro, com retornos expressivos para os diferentes tipos de estratégias. O posicionamento dos gestores em classes de ativos “pró-risco”, como posições compradas em ações locais e internacionais, por exemplo, foram os principais fatores que impulsionaram positivamente a rentabilidade da classe. Ao longo dos últimos meses, as eleições nos EUA foram apontadas pelos gestores como um fator relevante de imprevisibilidade de cenário macroeconômico e aumento de volatilidade nos mercados.

Acreditamos que o investimento no segmento é bastante positivo, pois os gestores trabalham com mais agilidade e buscam aproveitar as melhores oportunidades analisando um horizonte de curto prazo para conseguir se apropriar dos prêmios que existem nos ativos. A posição tem um efeito de diversificação para o perfil.

Renda Variável: Na parcela de Bolsa local ficamos próximo do ponto neutro (37%) da Política de Investimentos. O Ibovespa seguiu o otimismo externo generalizado e subiu forte, após 3 meses seguidos de queda, atingindo patamar próximo aos 110 mil pontos. A alta de 15,90% foi o maior retorno mensal desde março de 2016. Em dólar, a alta do Ibovespa de 25,47%, também o maior de 2016. Vale destacar a entrada recorde de capital estrangeiro na bolsa, atingindo R\$ 33,3 bilhões líquidos em novembro.

Os fundos de ações, na média, tiveram ótimos retornos, mas abaixo do Ibovespa no mês. Porém, em mais janelas longas, a geração de alpha (retornos acima do índice) continua expressiva.

Os gestores estão, no geral, mais otimistas devido à redução das incertezas, com as vacinas se mostrando promissoras e a eleição dos EUA tendo ficado para trás. A questão fiscal local ainda é um risco monitorado, mas com menos peso para gestores.

Na parcela da Bolsa no exterior, seguimos com alocação no ponto neutro (4,80%) da Política de Investimento. O otimismo que predominou nos mercados globais ao longo de novembro levou as principais bolsas do mundo a fecharem o mês com fortes altas. As commodities, como petróleo e minério de ferro, também subiram e ativos considerados como mais seguros em tempos de crise, como o ouro e o dólar, fecharam o mês em queda. O mercado de renda fixa internacional também se beneficiou desse otimismo.

